

Aspectos messiânicos apresentados por Miguel Ramos de Oliveira: memórias reveladas (1950-1967) – região sul do Brasil

Erotildes Fofonka Cunha¹

Resumo: Os movimentos messiânicos denominados por Maria Isaura Pereira de Queiroz de “rústicos”, de modo geral, têm se apresentado em várias regiões do Brasil. Sendo assim, proponho apresentar minha pesquisa desenvolvida sobre o curandeiro e místico Miguel Ramos de Oliveira que, no interior do Rio Grande do Sul, em meados do século XX, liderou inúmeras famílias, atraindo-as em torno de suas idéias sobrenaturais da iminência do fim do mundo. Com a finalidade de conhecer a história do movimento Tio Miguelzinho, assim denominado, e a relação aos recursos utilizados em seus rituais de cura, foi necessário recorrer às entrevistas com os remanescentes. Sendo este um trabalho pioneiro, foi de fundamental importância a contribuição, através da oralidade, de algumas pessoas já com idade muito avançada, que vivenciaram esse acontecimento. A metodologicamente utilizada nesta pesquisa, destacando-se as fontes orais, foram muito úteis os ensinamentos de Janaína Amado, José Carlos Sebe B. Meihy, entre outros. Observa-se, neste contexto, que a religiosidade popular buscou caminhos alternativos para encontrar soluções socioeconômicas negadas pela religião oficial, a Católica, e pelas políticas do poder público local.

Palavras-chave: Messianismo. Curandeirismo. Cultura Popular.

1 INTRODUÇÃO

Em meados do século XX, longe da maior efervescência nacional dos movimentos messiânicos e milenaristas, teve início na Região Sul do Brasil o movimento social religioso mobilizando inúmeras famílias da redondeza sob a liderança do curandeiro e místico Miguel Ramos de Oliveira (tio Miguelzinho como é mais conhecido). Com base nas teorias e classificações gerais sobre fenômenos dessa natureza, aqui me proponho a apresentar algumas ideias, sentimentos e devoções presentes no episódio ora apresentado. Especialmente, porque esta história é feita de lembranças pessoais. E é feita também de esperanças: esperança de sensibilizar sobre o tema que por décadas se mantém silenciado; e esperanças quando centenas de pessoas se viram ameaçadas quando não pelas ações dos opressores, pelas dificuldades econômicas. Onde tais condições tenham se inserido no contexto religioso, àquela época, e tenha gerado uma expectativa messiânica. Neste sentido, a contribuição

¹ Graduação em História e Especialização em História do Brasil. Funcionária Magistério do Rio Grande do Sul. E-mail: tidafofonka@globocom

Texto apresentado ao II Seminário Internacional História do Tempo Presente, de 13 a 15 de outubro de 2014, em Florianópolis/SC. ST Memória, diferenças e desigualdades.

teórica de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) se apresenta de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho.

Esta abordagem também tem o intuito de identificar o aspecto peculiar assumido no contexto do episódio e contribuir para a inserção crítica da comunidade de Arroio Guimarães. E tem o objetivo, contudo, de tentar mudar o olhar pejorativo sobre ela, a partir dos relatos pessoais, em que os remanescentes registram a sua própria história, os quais contribuíram mostrando a realidade social do meio rural daquele tempo. Eles, os depoentes, são pessoas já com idade muito avançada, mas contaram informações de sonhos que vêm de uma região marcada pelo isolamento, com muita lucidez. A localidade de Arroio Guimarães está situada no interior de Santo Antônio da Patrulha, atual município de Caraá, na Região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, a partir dos saberes da cultura popular², mantendo-se às formas características dos movimentos sociais religiosos, os adeptos se mobilizaram na crença de encontrar um reino de paz, justiça e felicidade. Com base nas informações apresentadas sobre o movimento e concentradas através das narrativas testemunhais, parte-se do princípio que: “[...] o respeito à empiria expressa no fazer do documento é o tesouro buscado pela história oral capaz de revelar a subjetividade contida nas variações do parâmetro dado pelo estabelecido como verdade.” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 124). Lembre-se, ainda, que: “a história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas”. (AMADO; FERREIRA, 2006, p. XV). Nesta opção, a corrente que possibilitou a análise das narrativas foi a partir das reflexões teórico-metodológica da História Oral. Importante, também, e se faz necessário recorrer a outros trabalhos sobre a região, para identificar a combinação de fatores pertinente ao homem do campo.

2 CARACTERÍSTICAS EM MOVIMENTOS MESSIÂNICOS MILENARISTAS

Para entender o contexto do movimento social religioso na região litorânea gaúcha, como foram já apresentados os principais problemas do tema aqui exposto, percebe-se que, igualmente a outros estudos sobre movimentos sociais, a localização não é atípica, considerando as regiões brasileiras, lugar em que aconteceram os movimentos messiânicos

² Como conceito de cultura: “[...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.” (CHARTIER, 1990, p. 67).

milenaaristas, com características muito semelhantes a este estudo de caso. Todavia, neste texto, está sendo apresentado mais um desses episódios, tendo na perspectiva os casos de: Canudos (MACEDO; MAESTRI, 2004); Mucker (AMADO, 2003); Contestado (MONTEIRO, 1974), entre outros, em que as lideranças movimentaram populações camponesas.

O messianismo representa a crença divina, de um enviado libertador e da intervenção de uma personalidade capaz de resolver os problemas de um povo ou de uma comunidade de oprimidos. Isto é, o messianismo projetado não se tratando apenas como um messias salvador, mas um transformador. A princípio, os termos messias e messianismo estão definidos conforme relatos bíblicos e posteriores discussões teológicas. A partir dessas discussões, na sequência, foi dado o seguinte conceito ao messias, dentro da religião judaica:

O messias é o personagem concebido como um guia divino que deve levar o povo eleito ao desenlace natural da história, isto é, à humilhação dos inimigos e ao restabelecimento de um reino terreno e glorioso para Israel. A vinda deste reino coincidirá com o “fim dos tempos” e significará o restabelecimento do Paraíso na terra. (QUEIROZ, 1963, p. 4).

Deve-se, sobretudo, novamente recorrer à obra clássica de Queiroz: O messianismo do Brasil e do mundo, como referência para o entendimento de fenômenos ditos messiânicos, os quais se manifestaram em diversas épocas e grupos sociais. Nessa obra, de modo geral, a autora caracteriza tais manifestações em território brasileiro da seguinte forma:

A partir do movimento em que dois grandes santos autóctones figuraram nos oratórios rústicos – Padre Cícero, no Nordeste, e João Maria, no Sul – polarizaram-lhes em torno de si a espera messiânica, e as lendas correntes gravitaram-lhes em redor. Daí em diante, passou a ser os heróis messiânicos, e se reencarnaram em várias figuras, dando lugar ora a embriões de movimentos, prestes abafados, ora a movimentos que plenamente desabrocharam. (QUEIROZ, 1963, p. 260).

Por outro lado, apresenta-se também uma classificação a respeito da manifestação do fenômeno messiânico na perspectiva de Henri Desroche, segundo citado por Filipe Pinto Monteiro, 2010, o qual afirma que:

[...] o messianismo também é, complementarmente, obra de uma humanidade esperada, e num e noutro casos é a humanidade de um homem montado pelo Deus. O tempo, nessa configuração, é nada mais que esse espaço entre o que espera e o esperado: espaço de uma criação, espaço de um ciclo não repetitivo, espaço de milênio limitado e ilimitado que é, talvez, o arquétipo de um tempo em que as coisas não somente duram, mas entram em evolução e mesmo em revolução. (DESROCHE, 2000, p. 20).

Na sequência, a partir desta breve apresentação conceitual, procura-se dar notoriedade como configuração do messianismo ao tema aqui apresentado.

3 GÊNESE DO MOVIMENTO SOCIORRELIGIOSO NO LITORAL NORTE GAÚCHO

Por volta de 1950, o cenário do Litoral Norte do Rio Grande do Sul via-se às voltas com os problemas de infraestrutura, em especial no que diz respeito à ausência das políticas públicas, para atender as necessidades básicas do cidadão: saúde, transporte, entre outros. Para melhor compreender o quadro em que se apresentava a região naquela época, é necessário identificar algumas questões vinculadas a tal conjuntura.

Diante da situação de isolamento, torna-se interessante recorrer ao que diz respeito aos aspectos econômicos como motor do desenvolvimento regional. Nesse sentido, a pesquisa da professora e historiadora Dr. Véra Lucia Maciel Barroso apresenta o que segue:

Certo é que o homem norte-litorâneo, principalmente o pequeno produtor dedicado à lavoura canavieira, vinha há anos vivendo em subdesenvolvimento, o que o empobrecia progressivamente. Mas o Litoral Norte do estado, com seu quadro de grandes dificuldades, teve – a partir de 1957, sobretudo – seu cenário agudizado com a série crise do setor canavieiro, o tradicional e identitário da região. Sem dúvida, uma Portaria Federal de 31 de outubro de 1957 demarcou nova fase da história da cana-de-açúcar no Rio Grande do Sul. Com ela, a proibição de adicionar o açúcar mascavo na fabricação de café, de bebidas e do vinho. Decretou na verdade uma crise de mercado, sem precedentes, para os canavieiros do Nordeste do estado. [...] Em situação de desespero, os canavieiros não vislumbraram, então, outra utilização econômica para o produto de suas terras. (BARROSO, 2006, p. 195).

Assim, a localidade de Santo Antônio da Patrulha, em especial suas áreas do interior e demais da região do Litoral Norte, entre a população crescia uma imensa maioria desprovida de assistência social, somando-se às dificuldades provocadas pela variação da economia. A situação apresentava sinais evidentes de precariedades no interior do município patrulhense. Anos de mudanças na produção agrária, em decorrência da mecanização do campo, provocaram o êxodo rural de centenas de trabalhadores e o empobrecimento cada vez maior daqueles que permaneceram no trabalho do campo.

A situação de isolamento do Litoral Norte, no aspecto dos meios de comunicação e transportes, é histórica. Especialmente em Santo Antônio da Patrulha, destaca-se o 5º distrito, atual município de Caraá palco do episódio que ora se apresenta. Interessante lembrar, ainda, que na década de 1950, com relação aos aspectos sanitários, especialmente em 1955, existiam,

em Santo Antônio da Patrulha, quatro médicos, quatro dentistas e um hospital com 25 leitos. O hospital contava com um aparelho de raios-X diagnóstico, uma sala de operações, uma sala de partos, uma de esterilização e uma farmácia. Existia, também, um Posto de Higiene, do Departamento Estadual de Saúde.³ Esses recursos deveriam atender uma área de 1.960 km², com uma população recenseada em 1950 de 65.882 habitantes.

Ainda, considerando-se as condições relativas à situação do Rio Grande do Sul, as dificuldades da população se mostram como decorrentes do abandono pela falta de infraestrutura no atendimento às necessidades do indivíduo, que são competência do estado. Por exemplo:

O problema de saneamento rural em nosso meio ocupa um lugar de magna importância e ainda é de solução bastante difícil e complexa, e tanto no Rio Grande do Sul como no país inteiro, a população rural é bastante perceptível [...];

[...] os engenheiros sanitaristas, arquitetos de órgãos públicos ou não, médicos, estudantes de engenharia e arquitetura, sociólogos e a todas as pessoas conscientes em geral considerem, estudem a habitação para o nosso meio rural, cuja importância tanto sob ponto de vista de saúde pública como social é imensa. (ANAIS, 1957, p. 28-31).

Consequentemente, a conjuntura do cenário de crise gera um pessimismo regional. Em especial com relação à economia política gaúcha dos anos 1930 aos 1960, esse tempo coincide com o período aqui em destaque; com a inserção do Rio Grande do Sul na criação da economia integrada e regionalmente localizada, quando é extinto o processo de articulação de várias economias regionais que compunham a economia nacional. Nesse contexto, a cultura de subsistência dos camponeses, característica marcante da agricultura na região do Litoral Norte gaúcho, sempre foi constituída como uma formação histórico-econômica de um setor atrasado.

A situação econômica desorganizada e a carência das políticas públicas em geral refletiram em uma camada da população que já enfrentava essa escassez. Além da importância atribuída ao setor de saúde através dos serviços prestados, devem-se levar em consideração os fatores relacionados à organização socioeconômica, tais como se constata que: “[...] níveis de salário, condições de trabalho, taxa de desemprego e subemprego, condições de moradia, etc. interferem de forma decisiva na determinação dos níveis de saúde de uma população.” (CORTÊS, 1984, p. 100). É nesse quadro desolador que aparece um indivíduo munido do saber da cultura popular, na condição de profético e curandeiro surgindo com ideias sobrenaturais e com a graça divina para reordenar a vida sociorreligiosa daqueles

³ FERREIRA, Jurandy Pires (Org. Pred. IBGE Enciclopédia dos municípios brasileiros-municípios do Estado do Rio Grande do Sul). Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. XXXIV, p. 214-221.

desassistidos pelo poder público. Com os seus saberes, o “mestre” Tio Miguelzinho, principalmente enquanto se apropria dos padrões populares – ou de seus saberes tradicionais como curandeiro – adquire vários elementos que envolvem os seus seguidores.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE CULTURAL

Miguel Ramos de Oliveira foi um camponês que muito cedo passou a se dedicar às práticas de cura. Na década de 1940, já com idade muito avançada, saiu em peregrinação em missão de cura, para qual fora chamado. Retornou, talvez pelo ano de 1948, aproximadamente, anunciando a iminência do fim do mundo. Salvar-se-ia quem estivesse em sua companhia. A partir daí, gerou uma intensa movimentação no interior do município patrulhense e redondeza. O primeiro contato se dava por questões de saúde. Posteriormente, era convidado a fazer parte do grupo, desde que fosse aceito pelo líder.

Destaca-se que alguns se deixaram atrair pelas ideias sobrenaturais na busca de soluções para as suas necessidades, motivados pela ausência das políticas públicas efetivas e pela escassez de profissionais da área da saúde, somando-se às condições financeiras que castigavam a maioria das famílias da região. Para isso, tinham de renunciar seus bens materiais: sua propriedade de terras e as benfeitorias.

Sendo assim, em sua essência, os seguidores do “mestre” Tio Miguelzinho, inspirados em um contexto único, foram levados a renunciar suas vidas socioeconômicas vigentes, as quais eram incompatíveis com a expectativa do fim do mundo, segundo previsão anunciada pelo “mestre”. Diante de tal concepção, inúmeras famílias decidiram abandonar as suas propriedades e, através da fé, alcançar um lugar seguro e de salvação coletiva. Chegando, em curto tempo, ao fato de constituir um vilarejo muito movimentado. De qualquer forma, esse acontecimento sofreu denúncia, chamando a atenção do poder público local. Tal ação não será possível tratar neste momento, porque requer uma abordagem mais específica sobre o tema.

Referindo-se ao local de movimentação, para onde se dirigiam centenas de pessoas, a senhora Alícia recorda que era muito pequena quando sua família se mudou para Arroio Guimarães e saiu depois de casada. Ela também que, o líder Tio Miguelzinho se apresentava como um pastor: fazia as orações, curava os doentes com chás e remédio de homeopatia. E que a vila, fundada pelo “mestre”, era sempre lotada de gente. Da mesma forma, no depoimento do Sr. Arlindo, ele registra que Miguel Ramos de Oliveira era um homem rústico, mas um grande curandeiro. Entre outros depoentes, a senhora Maria reforça o aspecto

carismático apresentado pelo “mestre”, classifica-o como um homem maravilhoso, o qual estendia a mão a todos que acorriam, e que ele pertenceu à Religião Espírita, através da qual ele curava.⁴

As narrativas, entretanto, não se limitam apenas a mostrar o movimento. As informações também reafirmam a prática religiosa e de curandeirismo, que serviram de atração aos olhares de opositores, acusando-os de fanáticos e reforçando a atenção das autoridades públicas do local, àquela época. Essa parte da história do movimento Tio Miguelzinho deve ser tratada em outra oportunidade, porque merece dedicação especial. Significa dizer que o fato exige uma específica abordagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os agricultores patrulhenses que se viam às voltas com a insuficiência da medicina científica, que não dava conta de sanar as mazelas características da comunidade da época, ainda num estágio muito precário na região. Somando-se, sobretudo, às condições financeiras que em muitos casos inviabilizavam um tratamento adequado de saúde. Diante desse quadro é natural que o “mestre” Tio Miguelzinho, como agente popular e líder religioso assumisse uma importante alternativa de cura às pessoas necessitadas, com qualquer tipo de doença ou perturbações na saúde mental. Para isso, teve a preponderante influência religiosa que parece inquestionável na compreensão do movimento Tio Miguelzinho, já que muitos elementos religiosos passaram a predominar sobre os aspectos econômicos, quando cada família foi atraída ao movimento. Por outro lado, observa-se que os motivos que levaram à fundação e permanência da vila Tio Miguelzinho sempre andaram paralelos no decorrer do tempo.

De qualquer modo, o que aparece na vila Tio Miguelzinho, como foi relatado pelos depoentes, é a visão de uma organização de um grupo que garantisse seus interesses e uma identidade coletiva, um sentimento de comunidade. A ênfase no depoimento de cada indivíduo revela que passaram a se preocupar em manter os laços afetivos de solidariedade, a partir do fundador Miguel Ramos de Oliveira. Então, como se pode constatar, o vilarejo em Arroio Guimarães se caracteriza como o modelo social para estabelecer uma nova relação familiar. Para isso, muitas das referências: orações, benzeduras, entre outras representações, eram bastante simbólicas para o povo da comunidade ora fundada. Isso, também, devido ao

⁴ Os depoentes são indivíduos que participaram diretamente ou indiretamente do movimento Tio Miguelzinho, os quais serão listados no final do texto, como ato de reconhecimento.

simbolismo representado pela figura do “mestre. Assim foi que muitas famílias da região que descrevo acreditaram na medicina alternativa, como método de cura, desde a homeopatia, os chás, até a água milagrosa.

Ainda sobre o universo de misticismos e crendices, característica atribuída ao grupo por alguns opositores, a realidade do movimento social religioso aqui apresentado constitui-se de tal experiência e com as especificidades próprias de seu tempo e contexto. Ou seja, Miguel Ramos de Oliveira passou a estar inserido no cotidiano das inúmeras famílias que decidiram se agrupar em uma pequena propriedade rural, constituindo um vilarejo, localizado em lugar distante e de difícil acesso. Porém, cada indivíduo pôde encontrar significado à sua vida e à sua história, onde se transformou o palco do episódio que até hoje mantém seus mistérios, como um mundo sagrado. Sobretudo, unidos pela fé, a comunidade de Arroio Guimarães sobrevive para contar a sua história, tendo, portanto, a influência religiosa como a maior fonte inspiradora na busca da vida eterna.

Reconhece-se a grande importância da contribuição oral, através da qual cada remanescente contribui para a recuperação histórica do episódio do movimento Tio Miguelzinho. Nesse sentido, as memórias aqui reveladas permitiram realizar este trabalho, que servirá para a preservação da História da Região do Litoral Norte gaúcho. As narrativas vêm atender o objetivo de dar conhecimento à sociedade, pois se trata de um movimento messiânico único, devido às peculiaridades de seu tempo. Bem como que possa servir para debates e reflexões sobre os direitos humanos e as políticas públicas. Ao mesmo tempo, atender outro objetivo fundamental que é o de valorizar a cultura popular regional.

6 REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. **A revolta dos Mucker**. São Leopoldo: ed. da UNISINOS, 2003.
- _____; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. VII-XXV.
- ANAIS do **Primeiro Congresso Sul-Riograndense de Higiene**. Realizado em Porto Alegre, de 20 a 26 de outubro de 1957, pela Sociedade de Higiene do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráfica Selbach, 1957, p. 28-31.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel. **MOENDAS CALADAS – Açúcar Gaúcho S. A. – AGASA: um projeto popular silenciado: Santo Antônio da Patrulha e Litoral Norte do**

Rio Grande do Sul (1957-1990). Tese de Doutorado em História – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2006, p. 174-289.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa; Rio de Janeiro: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 29-67.

CORTÊS, Soraya Maria Vargas. **Desenvolvimento e saúde: a política de saúde no governo Brizola no Rio Grande do Sul, 1959-1962.** Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Antropologia, Ciências Políticas e Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1984, p. 100-144.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos.** São Bernardo do Campo: UNESP, 2000, p. 20.

FERREIRA, Jurandy Pires (Org. Pred. IBGE - **Enciclopédia dos municípios brasileiros-municípios do Estado do Rio Grande do Sul**). Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. XXXIV, p. 214-221.

MACEDO, José Rivair; MAESTRI, Mário. **Belo Monte: uma história da guerra de Canudos.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007, 120-126.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado.** São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MONTEIRO, Filipe Pinto. **Messianismo, milenarismo e catolicismo (popular) no discurso intelectual das Ciências Humanas e Sociais: apontamentos preliminares Para uma questão conceitual.** Revista de Teoria da História. Ano 2. Universidade Federal de Goiás, 2010, p. 84-116.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo do Brasil e do mundo.** São Paulo: ed. da USP; Dominus, 1963, p. 03-24; 260-272.

DOCUMENTOS ORAIS

Alícia, narrativa gravada em áudio, em 02 de fevereiro de 2011, em Arroio Guimarães, Caraá/RS.

Arlindo, narrativa gravada em áudio, em 07 de fevereiro de 2011, em Laranjeiras, Osório/RS.

Maria, narrativa gravada em áudio, em 01 de junho de 2012, em Arroio Guimarães, Caraá/RS.